



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF VINICIUS BILHEIRO DIAS SILVA

**SIMULAÇÃO VIVA:
A UTILIZAÇÃO DOS MEIOS DE SIMULAÇÃO VIVA NO
ADESTRAMENTO DAS TROPAS EMPREGADAS NO CONTEXTO DA
INTERVENÇÃO FEDERAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM 2018**

**Rio de Janeiro
2020**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF VINICIUS BILHEIRO DIAS SILVA

**SIMULÇÃO VIVA:
A UTILIZAÇÃO DOS MEIOS DE SIMULAÇÃO VIVA NO
ADESTRAMENTO DAS TROPAS EMPREGADAS NO CONTEXTO DA
INTERVENÇÃO FEDERAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM 2018**

Projeto de Pesquisa apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em adestramento de tropas com simulação viva.

**Rio de Janeiro
2020**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX - DESMIL
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **CAP INF VINICIUS BILHEIRO DIAS SILVA**

Título: **SIMULAÇÃO VIVA: A UTILIZAÇÃO DOS MEIOS DE SIMULAÇÃO VIVA NO ADESTRAMENTO DAS TROPAS EMPREGADAS NO CONTEXTO DA INTERVENÇÃO FEDERAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM 2018.**

Projeto de Pesquisa apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em adestramento de tropas com simulação viva.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
ARONES LIMA DA ROSA - TC Cmt Curso e Presidente da Comissão	
LEANDRO TAVARES LUIZ - Maj 1º Membro e Orientador	
- 2º Membro e Orientador	

VINICIUS BILHEIRO DIAS SILVA – Cap
Aluno

**SIMULAÇÃO VIVA:
A UTILIZAÇÃO DOS MEIOS DE SIMULAÇÃO VIVA NO ADESTRAMENTO DAS
TROPAS EMPREGADAS NO CONTEXTO DA INTERVENÇÃO FEDERAL NO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM 2018**

Vinicius Bilheiro Dias Silva*
Leandro Tavares Luiz**

RESUMO

O presente artigo científico apresenta um estudo de caso sobre a Intervenção Federal no estado do Rio de Janeiro, em 2018, mais especificamente no preparo realizado pelo Centro de Adestramento – Leste (CA-LESTE) com o uso do Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET). Por intermédio de militares de carreira que cumpriram a preparação e comandaram Pelotão ou Companhia foi possível verificar quão eficiente foi esse adestramento, identificando os pontos fortes e propondo oportunidades de melhorias. Para isso, foi abordado um breve histórico da Simulação Viva em paralelo foi levantado como transcorreu a Intervenção Federal com seus resultados e, como o uso daquela ferramenta pode colaborar na preparação para o emprego de tropas, em especial nas operações de mesma natureza das transcorridas durante a Intervenção Federal. Para obter os resultados e responder ao problema foram respondidos questionário pelos militares supracitados.

Palavras-chave: Adestramento. Simulação viva. Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET). Intervenção Federal.

ABSTRACT

This scientific article presents a case study on Federal Intervention in the state of Rio de Janeiro in 2018, more specifically in the preparation carried out by the Centro de Adestramento – Leste (CA-LESTE) with the use of the Tactical Engagement Simulation Device. Through professional military personnel who completed the preparation and commanded Platoon or Company, it was possible to verify how efficient this training was, identifying the strengths and proposing opportunities for improvement. For this, a brief history of the Live Simulation was discussed in parallel, it was raised how the Federal Intervention took place with its results and how the use of that tool can collaborate in the preparation for the use of troops, especially in operations of the same nature as those carried out during Federal Intervention. . To obtain the results and answer the problem, a questionnaire was answered by the aforementioned military personnel.

Keywords: Training. Live simulation. Tactical Engagement Simulation Device. Federal intervention.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2011.

** Major da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2006. Pós Graduado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2015.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos quarenta anos o estado do Rio de Janeiro passou por diversas crises na área da segurança pública que, segundo ARANHA (2018), foram causados pelo aumento da violência nos centros urbanos e o ressurgimento de conflitos nas cidades, resultantes de três fatores chaves: a inclinação mundial à urbanização; a crescente oscilação da conjuntura política nos países em desenvolvimento; e modificações das particularidades dos conflitos armados.

"[...] Diante do estágio a que chegou a criminalidade no Rio de Janeiro — assim como em outras unidades da Federação —, em meio à grave crise fiscal do estado, pior que a da União, a alternativa mais sensata foi acionar os instrumentos legais disponíveis e executar esta intervenção, prevista para cessar em 31 de dezembro" (O MAL..., 2018), declarou o então Presidente da República Michel Temer.

Com isso, na tentativa de solucionar a crise na segurança pública, foi decretado no Estado do Rio de Janeiro a Intervenção Federal em 2018, com o emprego de tropas das Forças Armadas nas comunidades da capital fluminense, entre outras cidades.

Entretanto, para que uma tropa possa ser colocada a prova em operações reais, como a Intervenção Federal, esta deve passar por um treinamento, "[...] desde os escalões elementares [...]" (BRASIL, 2012, p. 11). Sendo assim, ao completar o adestramento estará em condições de ser empregada em missões reais.

Buscando um aperfeiçoamento do adestramento e numa tentativa de equiparar o treinamento a realidade surgiu, no final do século XX, o Centro de Adestramento de Avaliação do Exército (CAAdEx) – que futuramente teve seu nome substituído para Centro de Adestramento Leste (CA-Leste) – trazendo a simulação viva como forma de aprimorar o adestramento.

Desta forma, o Exército Brasileiro tem utilizado de um método considerado nobre, a simulação, que segundo Houaiss (2008) nada mais é do que a imitação do funcionamento de um processo por meio do funcionamento de outro ou teste, experiência ou ensaio em que se pode reproduz artificialmente uma situação, ou as condições reais de um meio, fenômeno etc.

Levando este conceito para o meio militar, traduz em simular, de forma aproximada, o máximo possível, uma situação de combate. Isso é concretizado ao utilizar equipamentos específicos para que as frações possam se sentir como se estivessem em um combate real, fazendo com que tenham a percepção, inclusive, do estresse de combate durante o desencadeamento das atividades de adestramento.

Essa modalidade de simulação de combate consiste na utilização de equipamentos com sensores (receptores laser) por pessoas reais, com armamentos reais com emissores laser acoplados, em terrenos reais, planejando e executando operações “reais” (problemas militares simulados).

Tal modalidade de simulação permite que sejam criadas condições quase ideais de combate, incluindo a degradação da pessoa que utiliza o equipamento até sua “morte”, aliando o estresse de combate aos simuladores e armamentos de dotação.

Pode-se dizer então que a modalidade de simulação viva auxilia o adestramento das tropas na busca pelo máximo de realidade nos atributos cognitivos, psicológicos e afetivos.

Além desta, o Exército Brasileiro tem utilizado de outras duas modalidades de simulação no adestramento de seus homens, a construtiva e a virtual. A primeira consiste no adestramento por meio de redes de computadores e dos conhecidos jogos de guerra, onde os comandantes e seus Estados-Maiores, desde o nível batalhão até Força Terrestre Componente (FTC), irão aplicar a doutrina e os processos de tomada de decisão.

Outra é a simulação virtual que busca a aquisição e o aperfeiçoamento de habilidades técnicas, táticas e procedimentais de treinamentos individual (militar) e coletivo (pequenas frações) por meio de simuladores virtuais que reproduzem produtos de defesa permitindo assim, a interação homem-máquina.

Durante o processo de preparação das tropas empregas na Intervenção Federal a modalidade de simulação utilizada foi a viva, por meio de oficinas aplicadas pelo CA-Leste, como última fase do adestramento antes de iniciarem os patrulhamentos no Estado carioca.

1.1 PROBLEMA

Entre as modalidades de simulação – viva, virtual e construtiva –, a do tipo viva é a que mais apropinqua-se do combate. À vista disso, acredita-se que os contingentes, em sua última fase de preparação, ao utilizarem o Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET), estavam adestrando-se da forma mais próxima possível da realidade.

Baseado no adestramento realizado com o CA-Leste, por meio da simulação viva, e as ações realizadas nas mais de 100 (cem) operações desencadeadas durante a Intervenção Federal:

Em que medida a simulação viva foi eficiente para o preparo da tropa numa situação de emprego real, particularmente na Intervenção Federal?

1.2 OBJETIVOS

O presente estudo tem por finalidade reunir conceitos, legislação vigente e embasamentos teóricos, sobre a preparação das tropas para a Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro, em 2018, a fim de verificar a eficiência da utilização da simulação viva em situações de mesma natureza e definir se tais atividades desenvolvidas foram eficientes no emprego na Intervenção Federal.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a) Caracterizar simulação viva;
- b) Apontar as atividades exercidas durante o adestramento com simulação viva e sua eficiência para o emprego da tropa na Intervenção Federal do Estado do Rio de Janeiro em 2018;
- c) Apontar possíveis oportunidades de melhoria no adestramento com simulação viva para operações de mesma natureza da Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro em 2018; e
- d) Apontar as atividades exercidas pela tropa que aproximem a simulação viva da experiência real.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

É notório que tem havido um aumento na criminalidade, na sociedade brasileira, e que o crime organizado tem vindo na esteira desse aumento, tentando desenvolver um poder paralelo. Esta situação pode ser notada nas

comunidades do Rio de Janeiro, desde a virada do século, onde grandes facções criminosas vêm aumentando a capacidade de estabelecer o monopólio local sobre, principalmente, o comércio e a segurança, conseqüentemente passam a exercer a dominação daquela área.

Devido a este desenvolvimento desenfreado das organizações criminosas, em 2018, viu-se a necessidade de evitar o grave comprometimento da ordem pública no Estado do Rio de Janeiro, desta forma o Presidente da República decretou intervenção federal em todo o estado, na área de segurança pública. Assim sendo, a partir da promulgação do Decreto 9288/18, que trata sobre a referida intervenção, ficou autorizado o emprego de tropas federais no Estado do Rio de Janeiro.

Após o decreto entrar em vigor e, observando a necessidade de aprimoramento do adestramento das tropas a serem empregadas durante a Intervenção Federal, entrou em cena um ator importante, o Centro de Adestramento Leste (CA-Leste), realizando atividades de simulação viva com os futuros interventores. O objetivo primordial do CA-Leste neste contexto era simular situações que poderiam vir a serem vivenciadas pelos militares, incluindo o extremo, que seria o conflito armado com meliantes.

Por meio da revisão literária visamos apontar as atividades exercidas durante o adestramento com simulação viva e definir se essas atividades foram eficazes para o preparo das tropas empregadas na Intervenção Federal; e apontar possíveis oportunidades de melhoria, haja vista o crescimento da importância dessa ferramenta para os comandantes táticos observarem o desempenho de suas frações. Desempenho que poderá ser mensurado em números estatísticos.

Dentro desse contexto, esses fatores demonstram a relevância do trabalho em questão, pois promove uma pesquisa a respeito de um tema atual, salientando a importância da simulação viva para o aprimoramento do adestramento das frações do Exército Brasileiro, principalmente na fase final de preparação para emprego em operações reais, mais especificamente no emprego em Operações de Cooperação e Coordenação entre Agências.

2 REVISÃO DE LITERATURA

É previsto na Constituição Federal Brasileira, em seu art. 142, que “as Forças Armadas destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.” (BRASIL, 1988). Para que as Forças Armadas tenham condições de cumprir sua missão, particularmente o Exército Brasileiro, enfatiza-se que o Adestramento, que é “capaz de transformar homem, tropa e comando - desde os escalões elementares - num conjunto harmônico operativo e determinado no cumprimento de qualquer missão”(BRASIL, 2012, p. 11), é de extrema valia.

Seguindo por este viés, a simulação viva vem de encontro a esse conceito de adestramento, pois como já mencionado, consiste em simular, de forma aproximada, o máximo possível, uma situação de combate, ou seja, utilizar equipamentos específicos para que as frações possam se sentir como se estivessem em um combate real, fazendo com que tenham a percepção, inclusive, do estresse de combate, durante o desencadeamento das atividades pelos militares em questão de como poderá transcorrer a operação. Assim sendo, a simulação também vem para agregar conhecimento, aperfeiçoando o adestramento das frações, tornado, portanto, o conjunto mais harmônico.

Por isso, o CA-Leste é requisitado pelo comando das tropas que se encontram na iminência de serem empregadas no combate real, a fim de que seja mensurada a qualidade do adestramento da tropa e, conseqüentemente, os militares estejam ainda mais preparados para cumprirem as missões recebidas. Não diferente disto, foi planejado e executado com as frações empregadas nas diversas operações que ocorreram durante a Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro.

Será iniciado o delineamento da pesquisa com a apresentação de alguns conceitos básicos que são de suma importância para a construção da base que servirá de subsídio para entender como se deu a preparação das frações para a Intervenção Federal e como se decreta tal ato, viabilizando assim uma conclusão para o problema apresentado neste trabalho.

a. Critério de inclusão:

- Estudos e matérias jornalísticas publicados em português ou inglês, relacionados à a Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro em 2018 e

suas operações; e o preparo de tropas realizado pelo CA-Leste utilizando como ferramenta a simulação viva.

b. Critério de exclusão:

- Estudos que abordam outras Operações de Cooperação e Coordenação com Agências; e
- Estudos cujo foco central seja relacionado a adestramentos com simulação dos tipos construtiva e virtual.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho tem o intuito de verificar se a simulação viva foi eficiente para o preparo das tropas empregadas durante a Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro, em 2018, e em que medida foi essa eficiência. A fim de atingir tal verificação, serão apontadas as atividades exercidas durante o adestramento das frações com simulação viva e se houve influência desta na eficiência das tropas empregadas na Intervenção Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 2018.

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou pesquisa ampla, leitura analítica e fichamento das fontes, questionário e discussão de resultados utilizados para estudar o tema.

Tal método é útil para, partindo de um fato destacado, selecionar as variáveis que podem causar algum tipo de variação no padrão observado desse fato selecionado, buscando, assim, medir atitudes, opiniões e comportamentos, de uma amostragem do público-alvo.

Portanto, foi feito um levantamento bibliográfico, que consiste no “[...] conjunto de materiais escritos/gravados, mecânica ou eletronicamente, que contêm informações já elaboradas/publicadas por outros autores” (SANTOS, 2004, p. 29), ou seja, saber como os documentos referentes ao objeto de estudo estavam organizados, para a partir disso selecioná-los.

Para trabalhar o tema proposto, foi utilizado o método quantitativo, uma vez que o trabalho buscou mensurar alguns aspectos que facilitaram a revisão da literatura, por meio do questionário. O método adequa-se às características do tema proposto, pelo motivo de a simulação viva trabalhar com a mensuração do desempenho da pessoa que utiliza o equipamento, associado às possíveis

situações que poderiam ser vivenciadas pelos militares durante as operações da Intervenção Federal.

3.1 Coleta de dados

Na sequência do aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados por meio do questionário.

3.1.1 Questionário

O perfil de amostra a ser analisado serão oficiais oriundos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), particularmente aos 1º Tenentes e Capitães, que estiveram em função de Comandantes de Pelotão, Subcomandantes de Companhia e na função de Comandantes de Companhia, ambos durante às operações desencadeadas na Intervenção Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 2018.

Os escalões Pelotão e Companhia foram escolhidos pelo fato de seus comandantes possuírem uma formação mais aprofundada e técnica que a dos Sargentos e Cabos, respectivamente comandantes de Grupo de Combate e Esquadra.

Sobre o questionário, propriamente dito, inicialmente foi precedido por uma sucinta explicação de como foi desencadeada a fase de adestramento, no CA-Leste, utilizando o equipamento receptor laser (DSET). Na sequência, veio a explicação sobre o objetivo principal do instrumento, que é comparar as atividades realizadas na fase de adestramento aplicada pelo CA-Leste com as situações vividas pelas tropas durante a Intervenção, e assim verificar a eficiência do treinamento com o uso da simulação viva, por meio de seus pontos fortes e oportunidades de melhoria.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ferramenta utilizada para a atingir este objetivo do adestramento é a técnica de Simulação Viva, que é “representar artificialmente uma atividade, reproduzindo suas características por meio de um modelo.” (BRASIL apud ARRUDA, 2018), ou seja, significa inserir um militar ou uma fração constituída

em um exercício simulando o ambiente operacional e condições nas quais serão empregados.

Corroborando com este conceito, a Diretriz para o Aperfeiçoamento e Modernização do Sistema Integrado de Combate do Exército traz que Simulação Viva é:

- Modalidade na qual são envolvidas pessoas reais, operando sistemas reais (armamentos, equipamentos, viaturas e aeronaves de dotação), no mundo real, com o apoio de sensores, dispositivos apontadores “laser” e outros instrumentos que permitem acompanhar o elemento e simular os efeitos dos engajamentos. Normalmente atende aos seguintes parâmetros:
- individual ou em grupo; - armamento e equipamento de dotação, previstos em QDM;
- realizada em campo de instrução ou local cujas características sejam semelhantes à área do TO prevista para o emprego; e
- não necessita replicar totalmente as operações. (2005, p. 2)

Assim sendo, conclui-se que Simulação viva é o adestramento de tropa realizado com emprego de Dispositivos de Simulação de Engajamento Tático (DSET)”. (SIMEB, 2012, p. 5-15), buscando a máxima aproximação do combate real (Figura 1).



Figura 1: Relação realismo na simulação X meios + dificuldade.

Fonte: Doktorczyk, 2015.

O Exército Brasileiro tem como objetivo, ao empregar a técnica da Simulação Viva, o adestramento de comandantes de frações até nível subunidade, utilizando-se da tropa e do terreno onde será simulado o combate real para a busca dessa meta (BRASIL, 2006).

Outros objetivos que podem ser alcançados quando se utiliza a Simulação Viva e a queda dos custos com equipamentos e sua manutenção, cai também os riscos durante os treinamentos, possibilitando, com isso, aumentar a

quantidade de tropas treinadas (HELMS II, 2000). Partindo desta premissa, nota-se que as Forças Armadas de diversos países utilizam dessa ferramenta.

O Exército dos Estados Unidos da América (EUA), por exemplo, tem produzido treinamentos baseados em simulação desde o final do século passado, por meio do Joint Readiness Training Center (JRTC). Nesse centro, fomentam uma metodização de emprego em quatro (04) fases, conhecidas por FAPV (Familiarizar, Adquirir, Praticar, Validar) para o treinamento da tropa.

Ainda segundo HELMS II (2000), somente na 4ª fase (Validar) do JRTC que os militares terão contato com a Simulação Viva, quando suas habilidades serão colocadas a prova sem a orientação dos instrutores. O instruendo toma suas próprias decisões até o final do exercício, tendo cumprido a tarefa ou ter sido incapacitado para fazê-lo. Na sequência da atividade, o instrutor realiza uma análise da ação, assim o instruendo terá a oportunidade de obter uma retificação da aprendizagem, com seus acertos, erros e como aprimorar seu desempenho.

No Brasil, as Unidades da Força Terrestre responsáveis pelo adestramento das tropas por meio da Simulação Viva são o Centro de Adestramento Sul (CA-Sul) e o Centro de Adestramento Leste (CA-Leste), sendo este último foco do trabalho em questão.

4.1 Centro de Adestramento Leste (CA-Leste)

O CA-Leste, que até outubro de 2017 era conhecido por Centro de Avaliação de Adestramento do Exército (CAAdEx). E de acordo com o SIMEB, esta "(...) é a OM do Exército Brasileiro dotada de DSET e pessoal capacitado a realizar avaliação do adestramento de OM Op, nível SU e frações." (2012, p. 5-15).

4.1.1 Histórico

O CAAdEx foi criado em 21 de agosto de 1996, na capital fluminense. E seu primeiro comandante, o então Cel Rui Monarca da Silveira, iniciou seu trabalho apenas um ano depois.

Em 1997, a OM responsável pela avaliação do adestramento do Exército recebeu a denominação histórica de Centro de Avaliação de Adestramento

General Álvaro Braga. Esta denominação foi uma homenagem a um personagem importante da história da instrução da tropa, o “General Álvaro Alves da Silva Braga (1906-1971), militar dedicado e empenhado nas atividades de instrução da tropa” (CA-Leste, 2020).

Devido a este militar, na década de 30 do século passado, foi a primeira vez que se falou a respeito da verificação e organização do adestramento de tropas, ao escrever o livro Problemas de Instrução.

Vinte anos após a denominação histórica, o CAAdEx teve seu nome alterado para Centro de Adestramento – Leste (CA-Leste). A mudança de nome trouxe junto “novas capacidades à Unidade, tornando-a plena na condução das três modalidades de Simulação de Combate: Simulação Viva, Virtual e Construtiva” (CA-Leste, 2020).

4.1.2 Pilares da Avaliação com Simulação Viva

Desde sua criação, o CA-Leste esteve sempre contribuindo para com a Força Terrestre na busca pelo mais alto nível de adestramento. Para isso utilizaram da Simulação Viva, permitindo que “se criem as condições mais próximas do combate, aliando simuladores e armamentos de dotação, além de simular alvos que degradam viaturas, aeronaves e, até mesmo o indivíduo” (PEREIRA, 2018).

Para que a avaliação com Simulação Viva possa ocorrer, são necessários a presença de quatro pilares: Força Oponente (alvo reativo); Observador, Controlador e Avaliador (OCA); Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET) e a Análise Pós-Ação (APA). E estes quatro pilares gerenciados por uma Direção de Exercício (DirEx), que são militares do CA-Leste gerenciando a atividade simulada sem interferir nas decisões da Força Adestrada (tropa que está sendo adestrada pelo Centro) e da Força Oponente (tropa “inimiga” da Força Adestrada).

4.1.2.1 Força Oponente (ForOp)

A Força Oponente é uma peça fundamental da avaliação, pois diferente de uma figuração, que já possui suas ações determinadas, à ForOp é dada a

total liberdade para iniciativa na missão de antagonizar a Força Adestrada (F Adst). Nesse sentido, o inimigo da F Adst deve ser uma tropa altamente agressiva e motivada, além de possuir um alto nível técnico e tático para que consiga ser o opositor necessário à aproximação da simulação ao combate real.

Buscando o máximo de realidade, o CA-Leste possui em seu organograma um pelotão de Força Oponente, que possui suas características diferentes às do Exército Brasileiro, dentre elas a doutrina e o uniforme (foto 1). Já o armamento e o equipamento são similares ao do EB.

Somado as essas características, a ForOp tem a grande capacidade de adaptação ao ambiente, o que favorece a F Adst em ser adestrada em todos os tipos de ambientes, como já ocorreu com as tropas adestradas para missões de paz e para operações de garantia da lei e da ordem.

4.1.2.2 Observador, Controlador e Avaliador (OCA)

Oficiais e sargentos possuidores de estágio específico realizado no CA-Leste, além de serem possuidores de “profundo conhecimento dos procedimentos técnicos e táticos dos escalões que [irão] avaliar [...]”. (CA-Leste, 2017).

Utilizando gorro branco para se destacarem das tropas desdobradas no terreno (foto 1), são responsáveis por acompanhar o planejamento, a preparação e a execução da operação a fim de colher dados objetivos e subjetivos que serão retratados na Análise Pós Ação (APA). Vale ressaltar que o OCA não interfere nas decisões e/ou ações das tropas desdobradas no terreno, exceto para manutenção da segurança do exercício.

No intuito de ter um maior controle da atividade, os OCA são distribuídos para acompanhar a F Adst e ForOp. Além disso, será possível uma visualização das ações da tropa em adestramento de pontos de vistas diferentes aumentando assim, a capacidade dos OCA levantarem os pontos positivos, oportunidade de melhoria e melhores práticas que serão abordados na APA.

A arte do OCA está na vocação de “[...] observar um evento e não intervir nas ações, bem como não manipular o cenário de combate, controlando aquele evento, permitindo a sua aproximação às condições reais de combate e por fim, estudar os resultados colhidos (CA-Leste, 2017).



Foto 1: exercício de simulação viva para o Batalhão de Força de Paz.
Fonte: Peixoto, 2017.

4.1.2.3 Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET)

O Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET) pode ser definido “[...] como um conjunto de equipamentos que simula os efeitos provocados por um engajamento tático, mensurando objetivamente os resultados advindos [...] da ação remota oposta” (CA-Leste, 2017).

É sabido que “[...]a simulação viva é a modalidade em que agentes reais, operando sistemas reais [...], em um ambiente real, realizam o engajamento” (PEIXOTO apud ARRUDA, 2018). E que “pode ser apoiado por [...] dispositivos apontadores laser, sensores de geoposicionamento [...] que permitem acompanhar o elemento e simular os efeitos do combate sobre tropa” (PEIXOTO apud ARRUDA, 2018). Além disso, sabe-se que o único item dos pilares da avaliação que as tropas não possuem é o DSET.

Por não possuir tal elemento não impede que as tropas realizem suas próprias avaliações, pois no papel de ForOp pode ser empregada uma tropa da própria Unidade que quer se adestrar; o OCA também pode ser um militar da própria OM; e a APA será realizada por este OCA após a execução do exercício, levantando apenas os dados subjetivos.

Vale ressaltar, que apesar de ter condições de realizar a avaliação, não será nas mesmas condições que aquelas realizadas pelo CA-Leste, com todo seu aparato e sua expertise.

O DSET (figura 2) pode ser dividido em três elementos: o ativo, o passivo e o complementar. O primeiro é “aquele que, quando acionado, reproduz o efeito de um artefato bélico” (CA-Leste, 2017). Por exemplo são os fuzis que tem acoplado neles um emissor laser ou minas e armadilhas que emitem laser por radiofrequência.

O próximo elemento é o passivo, que é aquele que, “individualiza o homem, o material e/ou instalação, e quando sensibilizado pelo elemento ativo, interagirá com o primeiro, gerando um resultado mensurável, simulando [...] efeitos provocados pelo [...] artefato que o sensibilizou” (CA-Leste, 2017).

E por último e não menos importante, é o elemento complementar que “[...] permite o acompanhamento e o controle dos eventos gerados pelos elementos ativo e passivo” (CA-Leste, 2017). Apesar de fazerem parte do conjunto DSET, não são utilizados pelas Forças Avaliada e Oponente. “[...] Servem para a Direção de Exercício gerar ações ou coletar dados a partir dos elementos ativo e/ou passivo” (CA-Leste, 2017). Alguns materiais que fazem parte deste grupo são: armas controle, utilizadas pelos OCA e os sistemas de coleta de dados e acompanhamento remoto, utilizado para obtenção dos dados objetivos da avaliação.



Figura 2: elementos que compõem o DSET
Fonte: CA-Leste, 2017.

4.1.2.4 Análise Pós-Ação (APA)

Ao final do exercício é feito uma revisão de tudo que transcorreu durante o adestramento, desde o início dos planejamentos até a ação final por meio de debates profissionais com todos os envolvidos focando nos objetivos. Desta forma, permite-se que o comandante da tropa descubra “por si mesmo ‘o que

aconteceu’, ‘por que aconteceu’ e ‘como corrigir’ ” (CA-Leste, 2017) por meio dos pontos fortes, oportunidades de melhoria e melhores práticas.

O objetivo principal da APA é dar a oportunidade para os militares da fração adestrada analisarem o resultado de suas decisões/ações em combate, retificando e/ou ratificando-as no intuito de potencializar sua performance.

Deve se ter em mente que a APA é parte fundamental do processo de adestramento no Exercício de Simulação Viva e, segundo o CA-Leste (2017), deve ser pautada pelo não julgamento de sucessos e fracassos; objetiva descobrir o motivo das coisas terem transcorrido da maneira que aconteceu; deve focalizar diretamente os Elementos Essenciais de Adestramento e os Elementos Essenciais de Exercício; e além disso, encoraja os comandantes, nos diversos níveis, a levantarem os pontos que interferem no seu desempenho.

“A APA [...] não é um julgamento. [...] é o momento em que [...] [se] reflete sobre suas ações e aprende através de suas reflexões e de outros” (CA-Leste, 2017). A possibilidade destas reflexões decorre da interação entre os atores e os OCA, consolidando, assim, os “conhecimentos e experiências práticas sobre a difícil tarefa de combater. Desta forma a APA torna-se um verdadeiro instrumento de aprendizagem [...]” (CA-Leste, 2017).

4.2 Preparo das tropas empregadas na Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro, em 2018

A preparação das tropas para as operações desencadeadas na Intervenção Federal fluminense, em 2018, realizada pelo CA-Leste foi requisitada pelo Comando Conjunto por meio das Diretrizes do Comandante Conjunto para a Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro, em 2018.

Ficou estipulado que as tropas do Comando Conjunto (nível pelotão) iriam ser adestrados pelo CA-Leste no período entre julho e dezembro de 2018. “Participaram das atividades de adestramento [...] conduzidas pelo CA-Leste, 183 pelotões, totalizando mais de 5129 militares.” (CA-Leste, 2019).

4.2.1 Objetivos impostos ao CA-Leste no preparo das tropas empregadas na Intervenção Federal

Seguindo as diretrizes do Comandante do Comando Conjunto, o Centro de Adestramento Leste colocou no preparo das tropas envolvidas na Intervenção Federal entre outros, os seguintes objetivos de adestramento:

- Identificar positivamente a ameaça;
- Ocupar um abrigo corretamente;
- Tomar corretamente as posições de tiro (pé, joelho e deitado);
- Executar o tiro seletivo (atirar somente no que vê);
- Progredir de maneira coordenada, enquadrado na fração, por meio da ação de comando dos diversos níveis;
 - Realizar o procedimento adequado na evacuação de Agente Perturbador da Ordem Pública (APOP);
 - Realizar o controle do tiro e do armamento, durante a progressão, enquadrado na fração;
 - Ocupar e manter um ponto forte em áreas de alto risco; e
 - Realizar adequadamente as Técnicas de Ação Imediata (TAI) no patrulhamento motorizado.

Para atingir os objetivos supracitados o CA-Leste realizou, no Campo de Instrução de Gericinó (CIG) – Rio de Janeiro, três oficinas de treinamento com as tropas: Técnica de Ação Imediata (TAI) durante o patrulhamento motorizado, Pista de Progressão em Ambiente Urbano e Tiro real do Grupo de Combate (GC). Em todas as oficinas a população local (APOP, criminosos, moradores) foram representados pelos militares do pelotão ForOp do CA-Leste.

4.2.2 Técnica de Ação Imediata (TAI) durante o patrulhamento motorizado

A oficina consistia em uma simulação viva de um patrulhamento motorizado realizado por um GC da F Adst, em uma viatura $\frac{3}{4}$ Ton (Marruá), em um ambiente simulando as comunidades do Rio de Janeiro e, ao adentrar em área de alto risco desta localidade a patrulha seria alvejada por disparos de arma de fogo.

Esta oficina “teve por finalidade adestrar o pelotão, para reagir de maneira adequada [...]” (CA-Leste, 2019). Para que atingisse essa finalidade, esperava-se que a fração tivesse o reflexo de desembarcar rapidamente da viatura,

buscando proteção no próprio veículo. Na sequência deveria clarificar a situação para que conseguisse reagir no intuito de neutralizar as ameaças (Foto 2).



Foto 2: Oficina de TAI no Patrulhamento Motorizado
Fonte: CA-Leste, 2019.

4.2.3 Pista de Progressão em Ambiente Urbano

A oficina por meio da simulação viva representou uma progressão em ambiente urbano realizado por um pelotão (Pel), em uma área edificada, representando as comunidades do Rio de Janeiro dominadas por facções criminosas e, ao adentrar nesta localidade a fração seria engajada por APOP.

A finalidade nesta atividade foi de adestrar o pelotão, para reagir “por ocasião de engajamentos com APOP durante o avanço sobre uma área dominada por criminosos [...]” (CA-Leste, 2019). Com o intuito de que fosse atingido tal finalidade, almejava-se que a fração progredisse de maneira adequada, “[...] a fim de neutralizar as ameaças, ocupando corretamente abrigos existentes e coordenando o fogo e o movimento, por meio da ação de comando dos Cmt de Fração, evitando, contudo, danos colaterais à população” (CA-Leste, 2019) (Foto 3). Na sequência, após a neutralização das ameaças, o Pelotão receberia a missão de ocupar um Ponto Forte em uma área dentro da comunidade.

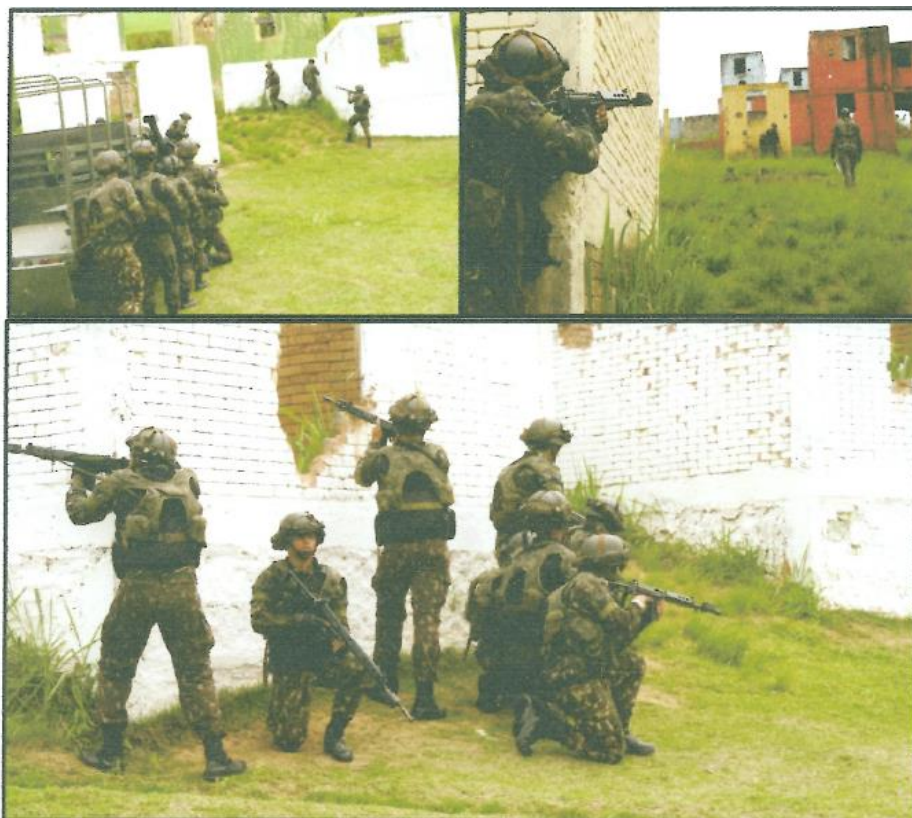


Foto 3: Oficina de Progressão em Ambiente Urbano
Fonte: CA-Leste, 2019.

4.2.4 Tiro real do Grupo de Combate (GC)

A última oficina “teve por finalidade executar o tiro da fração constituída para o emprego em ambiente urbano [...] (CA-Leste, 2019). Realizada por GC, onde o sargento, comandante dessa fração conduzia a realização do tiro real, emitindo os comandos para que seus comandados disparassem nos alvos da linha de tiro e para a progressão pela pista (Foto 4). Por se tratar da realização de tiro real, nesta oficina não foram inseridos Problemas Militares Simulados (PMS) e não foi empregada a simulação viva.

Para que atingisse essa finalidade, era esperado que o GC

executasse a oficina ocupando adequadamente os abrigos existentes, realizando progressões para frente e para a retaguarda, identificando positivamente as ameaças à sua frente e que empregassem o seu armamento com efetividade (ora com a mão forte, ora com a mão fraca). (CA-Leste, 209)

Foram inseridos, ainda, como objetivos pelo CA-Leste (2019) as habilidades de executar o tiro seletivo (atirar no que vê), realizar o controle de

munição, progredir em segurança e de maneira coordenada por meio da ação de comandantes de GC e Esquadra.

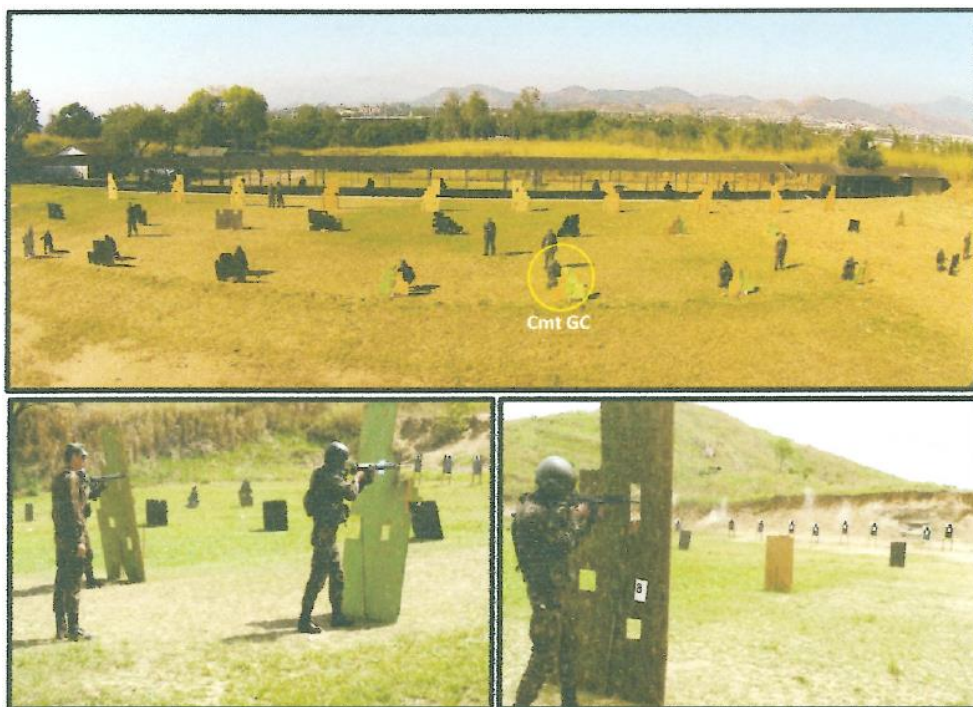


Foto 4: Oficina de Tiro real do GC
Fonte: CA-Leste, 2019.

4.3 Resultados do preparo das tropas empregadas na Intervenção Federal

Após a aplicação das três oficinas pelo CA-Leste, nos 183 pelotões do Comando Conjunto, foram levantadas pelos OCA do Centro lições aprendidas, melhores práticas e oportunidades de melhoria. Nesta parte do trabalho serão pontuadas algumas delas.

4.3.1 Necessidade de reduzir o nível de exposição dos militares embarcados nas Vtr Marruá, na posição de “torre”, por ocasião dos patrulhamentos motorizados

Foi observado pelos OCA que a maioria dos militares que eram posicionados na “Torre” das viaturas eram feridos no primeiro confronto com a ForOp. Com isso, as frações foram orientadas pelo CA-Leste que os militares naquela posição deveriam permanecer sentados, principalmente nas áreas de

risco, mantendo a observação e a posição de tiro sobre o teto da Marruá (Foto 5).



Foto 5: Alteração da posição de “Torre”
Fonte: CA-Leste, 2019.

4.3.2 Uso da Viatura como abrigo inicial

Neste tópico, foi observado pelos OCA, o desconhecimento por parte dos militares em adestramento sobre os pontos mais adequados a serem utilizados como abrigos nas viaturas não blindadas. A partir disso foram emanadas orientações para que ocupassem o abrigo (viatura Marruá) atrás dos cubos de rodas (por conta da extensão dos eixos do veículo) e a área do bloco do motor (Foto 6).

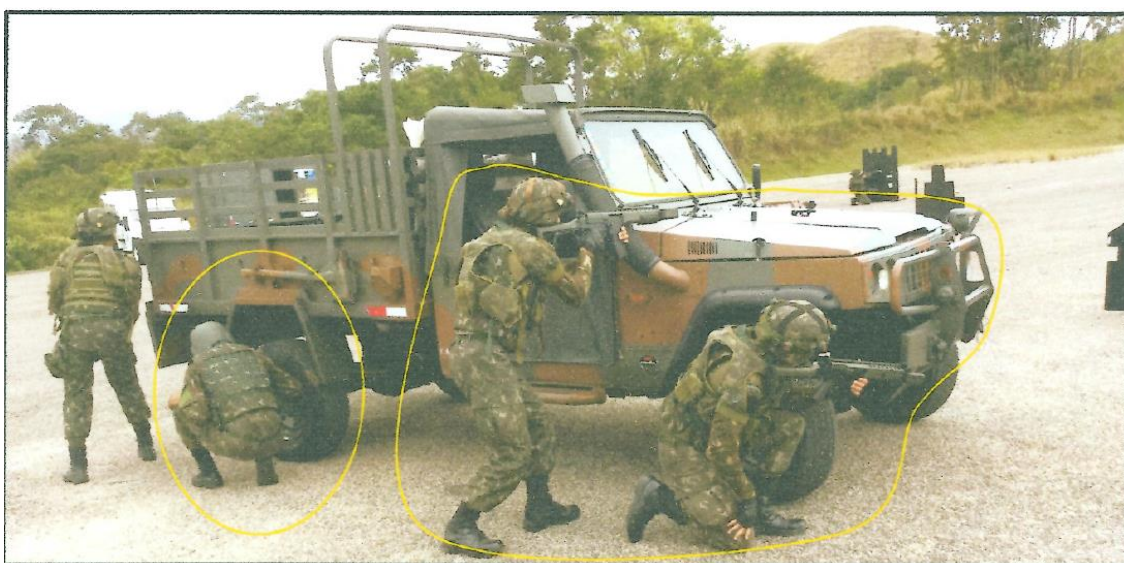


Foto 6: Uso da viatura não blindada como abrigo
Fonte: CA-Leste, 2019.

4.3.3 Necessidade de aprimorar a ação de comando dos comandantes de fração durante os confrontos pela verbalização entre integrantes da fração

Os comandantes das frações, nos diversos níveis foram observados sensivelmente inibidos a partir do início dos disparos executados pela ForOp, com isso a fração não tentava identificar positivamente as ameaças, resultando na inércia dessa e conseqüentemente na perda da impulsão do combate.

Tendo sempre em mente que a fração não pode ser subjugada pelas ações dos APOP, os militares do CA-Leste orientaram as tropas a manterem a iniciativa do combate por meio da ação dos comandantes de pequenas frações, de maneira enérgica e firme, orientando seus subordinados corretamente quando estivessem sob fogos das Forças Adversas.

4.3.4 Necessidade de aprimorar o entendimento das frações sobre setores de tiro, durante a progressão em ambiente urbano X riscos de fratricídio

Durante a progressão da fração, cada elemento tem sua área de responsabilidade, cobrindo 360° nos planos horizontal e inclinado, para que quando uma ameaça for identificada, apenas os militares daquele setor de tiro engajarão a ameaça. Nesse sentido os OCA recomendaram que quem estiver à retaguarda dos “pontas” devam evitar atirar na direção destes, a fim de evitar o fratricídio (Foto 7).



Foto 7: Setor de tiro X risco de fratricídio
Fonte: CA-Leste, 2019

4.3.5 Necessidade do aprimoramento das técnicas de tiro

Muitos militares encontraram certa dificuldade na tomada da posição de tiro deitado “modificada/lateral”, na ocupação de abrigos mais baixos, aumentando assim a exposição do militar, que normalmente era atingido com tiros na cabeça ou lateral do corpo. A orientação neste caso foi da adoção correta da posição de tiro (Foto 8).



Foto 8: Ocupação da posição de tiro deitada modificada
Fonte: CA-Leste, 2019.

Durante as atividades, como já citado anteriormente, em alguns momentos os militares eram forçados a realizarem tiros com a mão fraca e nestes momentos foram observados, também, que alguns deles, inconscientemente, colocavam os dedos na janela de ejeção do armamento e, durante a realização do tiro, o ferrolho batia nesses dedos, prejudicando a eficácia do disparo e causava ferimentos. O CA-Leste orientou de forma geral, que deveriam ser realizados exaustivos treinamentos da transição de posição permitindo assim, que o militar obtenha a memória muscular.

Ainda sobre o aprimoramento das técnicas de tiro, deve se ter em mente, que no combate em ambiente urbano, se pressupõe que no local haverá pessoas inocentes e patrimônio que deverão ser preservados. Por isso as regras de engajamento são claras e incisivas na questão da identificação positiva da ameaça.

A partir deste conceito fundamental das operações de Garantia de Lei e da Ordem, que os OCA orientaram as frações a controlarem o consumo de munição durante a progressão, atirando apenas nos alvos identificados, pois os militares estavam disparando excessivamente quando realizam a base de fogos

para a progressão dos companheiros, aumentando assim, os riscos de danos colaterais.

Outra oportunidade de melhoria observada durante o adestramento das tropas do Comando Conjunto foram os disparos em movimento durante a progressão em ambiente urbano, que assim como o conceito supracitado, aumenta consideravelmente o risco de dano colateral. Por isso, os militares do CA-Leste orientavam que o militar abrigado deveria realizar a base de fogos, engajamento apenas quando identificasse positivamente uma ameaça, enquanto o outro militar realiza a progressão e vice-versa.

5 INTERVENÇÃO FEDERAL

“O Estado federal repousa sobre um delicado equilíbrio de forças. O desequilíbrio de forças pode acontecer na federação, devido às necessidades dos entes federativos, por vezes, serem conflitantes.” (LEWANDOVSKI, 2018)

A segurança pública (foco deste trabalho), como previsto na Constituição Federal, em seu artigo 144, é “dever do Estado, direito e responsabilidade de todos” (BRASIL, 1988) e quando ocorre o desequilíbrio citado por Lewandovski é autorizado o afastamento da autonomia política do ente federativo por meio de intervenção.

No caso tratado por este estudo, o Exército Brasileiro foi requisitado para cumprir tal intervenção. Para isso são desencadeadas operações “em apoio aos órgãos ou instituições [...], definidos genericamente como agências. Destinam-se a conciliar interesses e coordenar esforços para consecução de objetivos e propósitos convergentes que atendam ao bem comum” (BRASIL, 2017).

5.1 Antecedentes da Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro em 2018

Nos últimos quarenta anos o estado do Rio de Janeiro passou por diversas crises na área da segurança pública que foram causados pelo “(...) crescimento da violência urbana e o ressurgimento da guerra nas cidades (...)” (ARANHA, 2018) resultado “(...) de três fatores chaves: a tendência global à urbanização; a crescente volatilidade da conjuntura política nos países em desenvolvimento; e mutações das particularidades dos conflitos armados” (ARANHA, 2018).

O crime organizado, que nos dias atuais dominam as comunidades cariocas, tem sua origem nos anos de 1970, no mesmo período que ocorreu a fusão entre Estado da Guanabara e Estado do Rio de Janeiro, em 1975. Nessa época o crime se fortaleceu, entre outras coisas, por conta do crescimento do tráfico de drogas.

Nos anos que antecederam à intervenção, o estado do Rio de Janeiro apresentava uma piora significativa nos números relacionados à violência e nesse contexto, em 2016, o governador decretou estado de calamidade pública. Entretanto a medida foi ineficaz e a violência continuou aumentando no ano seguinte, principalmente a morte de policiais em conflitos armados. E desta forma, o estado carioca foi assolado por uma crise política, moral e econômica por conta da corrupção no governo estadual, acrescido ao desemprego crescente, aumento da criminalidade entre outros.

Já no ano da decretação da Intervenção Federal, em 2018, houve uma onda de crimes e violência durante o carnaval, que afetaram a sensação de segurança da população. E em uma entrevista no dia 14 de fevereiro daquele ano o governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão afirmou que: “Não estávamos preparados. Houve uma falha nos dois primeiros dias, e depois a gente reforçou aquele policiamento. Mas acho que houve um erro nosso” (Portal de Notícias G1, 2018).

5.2 O Decreto 9288/18 e o Plano Estratégico do Gabinete de Intervenção Federal

Neste cenário de crise no estado do Rio de Janeiro, o Presidente da República, que à época era Michel Temer, instituiu a Intervenção Federal no estado carioca, em 2018. Em entrevista coletiva, o Presidente afirmou que houve essa necessidade, pois “[...] o crime organizado quase tomou conta do estado do Rio de Janeiro. É uma metástase que se espalha pelo país e ameaça a tranquilidade do nosso povo” (RIO..., 2018).

Para a declaração desse ato foi necessário a formalização por meio de um decreto presidencial conforme previsto no inciso X do Art. 84 da Constituição Federal de 1988 (CF/88): “Compete privativamente ao Presidente da República [...] decretar e executar a intervenção federal [...]” (BRASIL, 1988).

Seguindo este protocolo, foi decretado, em 16 de fevereiro de 2018, a Intervenção Federal no estado do Rio de Janeiro, na área de segurança pública, por meio do Decreto Nº 9288/18 tipificado pelo inciso III do Art. 34 da CF/88 que traz que “A União não intervirá nos Estados nem no Distrito Federal, exceto para [...] pôr termo a grave comprometimento da ordem pública [...]” (BRASIL, 1988).

Com o decreto da Intervenção Federal foi nomeado um interventor, e este assessorado pelo Comando Conjunto, elaborou o Plano Estratégico do Gabinete de Intervenção Federal, a fim de cumprir a determinação do Presidente da República.

5.2.1 Decreto 9288/18

“Fica decretada intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro até 31 de dezembro de 2018” (BRASIL, 2018), é desta forma que Michel Temer objetiva pôr termo ao grave comprometimento da ordem pública e para isso nomeia o General de Exército Walter Souza Braga Netto para o cargo de Interventor, limitado à área de segurança pública.

O Decreto Nº 9288/18 prevê ainda, que as atribuições do Interventor são as previstas no Art. 145 da Constituição do Estado do Rio de Janeiro necessárias às ações de segurança pública. Isso quer dizer que o General (Gen) Braga Netto era o governador do estado fluminense para fins de segurança pública. Ou seja, a partir de então, o Gen Braga Netto passou a comandar a Secretária de Segurança Pública, as Polícias Civil e Militar.

É colocado ainda no decreto que o Interventor fica subordinado diretamente ao Presidente da República e que pode “requisitar quaisquer órgãos, civis e militares, da administração pública federal, os meios necessários para consecução do objetivo da intervenção” (BRASIL, 2018). Este último permitiu que o Interventor empregasse as Forças Armadas durante a Intervenção Federal no estado fluminense.

5.2.2 Plano Estratégico do Gabinete de Intervenção Federal do Estado do Rio de Janeiro (GIFRJ)

A missão institucional prevista para o Gabinete de Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro é

A fim de contribuir com o definido do Decreto 9288/18 [...], planejar, coordenar e executar ações que busquem efetivamente a recuperação [...] da capacidade operativa dos OSP [...], com a diminuição gradual dos índices de criminalidade, aumentando a percepção de segurança na sociedade fluminense e contribuindo para a garantia de ambiente seguro e estável (BRASIL, 2018).

Buscando cumprir a missão, foram empregados as Forças Armadas e os Órgão de Segurança Pública (OSP), a intenção do GIFRJ é a máxima preservação da ordem pública, da incolumidade das pessoas e do patrimônio. Além disso, é intenção do Interventor que as operações desencadeadas pelo Comando Conjunto (C Cj) sejam para combater o crime organizado.

Outro ponto importante do Plano Estratégico são os objetivos previstos, que, dentre outros, impõe a redução dos índices relacionados a letalidade violenta, roubo de veículos, roubo de rua e de carga seguindo assim, na mesma linha da missão e da intenção do GIFRJ, aumentando a sensação de segurança da população.

5.3 A Intervenção Federal na área de segurança pública no Estado do Rio de Janeiro em 2018

Iniciada em dia 16 de fevereiro de 2018, a Intervenção Federal, que “[...] é um instrumento através do qual a União pode quebrar excepcional e temporariamente a autonomia dos demais entes da Federação [...]” (OBSERVATÓRIO MILITAR DA PRAIA VERMELHA, 2018), apresentou características (setorial, consentida e com cargo de titularidade de um militar da ativa) que configuraram um ato inédito na história do Brasil segundo o Coronel (Cel) Carlos Frederico Gomes Cinelli (2018), porta voz do Comando Militar do Leste (CML).

Após a preparação, as tropas iniciaram as operações no contexto da intervenção, que em um primeiro momento teve a finalidade de permitir que os policiais militares (PM) realizassem a reciclagem conduzida pelo Gabinete de

Intervenção Federal, explicou o porta voz do CML (2018). Além disso, “a presença das Forças Armadas nas ruas, de acordo com o coronel, também libera as equipes da PM para que elas façam operações planejadas” (FERRO, 2018).

Foram 10 meses de intervenção, sendo encerrada no dia 31 de dezembro de 2018 e, ao analisar os objetivos estratégicos é possível observar que as ações foram divididas em estruturantes e emergências. Sendo “[...] a recuperação da capacidade operativa dos órgãos de segurança pública e a redução dos índices de criminalidade [...]” (CINELLI, 2018), respectivamente.

Durante todo o período da intervenção diversas operações conjuntas foram desencadeadas no território fluminense a fim de cumprir as ações emergenciais. Inicialmente

[...] a área de atuação dos militares era restrita à orla e a bairros como Tijuca e Méier, na Zona Norte do Rio. Mas [...] foi expandida para vias expressas. Há presença militar na Avenida Brasil, BR-101, RJ-124 [Via Lagos], Transolímpica, Linha Amarela e Linha Vermelha. Também há patrulhamento noturno. (FERRO, 2018)

Ainda sobre a atuação dos militares o Cel Cinelli afirma que “os efetivos empregados em cada área podem ser modificados a qualquer momento, bem como horários e dias de atuação. O objetivo é manter o ‘fator surpresa’, para que criminosos não saibam nunca onde os agentes estão” (FERRO, 2018).

5.4 Resultados da Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro em 2018

No dia 31 de dezembro de 2018, após mais de 300 dias, foi encerrado a Intervenção Federal no estado do Rio de Janeiro tendo empregado mais de 150 mil militares das Forças Armadas, segundo Mazzaco (2018) e, ao fazer um balanço das ações, “[...] [f]oram 711 operações e 221 ações de patrulhamento[...], que impactaram 296 locais [...]” (INTERVENÇÃO..., 2019).

Durante o transcorrer das operações da Intervenção foram apresentados alguns balanços parciais. No dia 30 de agosto de 2018, por exemplo, o comandante do Comando Conjunto da Intervenção, General Antônio Manoel de Barros afirmou: “São mais de 99 mil militares empregados, quase 100 mil quilômetros patrulhados, [...] mais de seis milhões de habitantes beneficiados

direta e indiretamente [...]” (NO RIO..., 2018).

E ao analisar os resultados apresentados pelo GIF/RJ num comparativo com a posição dos cidadãos fluminense a respeito da prorrogação da Intervenção Federal na área de segurança no estado, é possível verificar que os moradores ficaram satisfeitos com a presença das Forças Armadas nas ruas, haja vista que uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha levantou que 72% (setenta e dois por cento) das pessoas entrevistadas foram a favor dessa prorrogação.

Contudo, nem todos os resultados apresentados pelo GIF/RJ são positivos, pois ao todo as tropas do Exército tiveram cinco militares mortos em confrontos. Para que se tenha um entendimento melhor do que esse número significa, o Ministro da Defesa à época, o então Gen Luna e Silva, fez uma declaração, no dia 25 de agosto de 2018, a respeito

[...] intervenção federal [...] foi a mais letal para o lado dos militares nas últimas décadas. Luna cita que houve mortes apenas na missão de paz no Haiti — e isso em razão de terremotos, numa missão que durou 13 anos, entre 2004 e 2017 — e numa ação de garantia da lei e da ordem (GLO) no complexo da Maré, em 2014, com um militar morto e 27 feridos. (SASSINE, 2018).

5.5 Eficiência da Simulação Viva no adestramento das tropas empregadas na Intervenção Federal em 2018

Após a análise das respostas do questionário realizado com o público alvo, verificou-se que 50% exerceram a função de Comandante de Pelotão, 29,2% estiveram como Comandante de Companhia e 4,1% foram Subcomandante de Companhia durante a Intervenção Federal. Com relação à relevância do adestramento utilizando a simulação viva, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 o menor índice e 5 o maior, foi observado que 66,7% consideraram nota 4 ou 5, enquanto o índice 1 foi considerado por 8,3%.

Um segundo quesito levantado foi sobre a eficiência do adestramento realizado junto ao CA-Leste, na qual 66,7% anotaram que o adestramento foi eficiente. Já para 33,3%, apesar de ter considerado eficiente, o adestramento necessita de ajustes.

Quando se fala em importância das atividades executadas no

adestramento, considerando as situações vivenciadas durante a Intervenção Federal no estado do Rio de Janeiro, em 2018, 87,5% dos interrogados julgaram que todas as atividades foram muito importantes, conquanto 12,5% julgaram que uma e/ou duas oficinas realizadas não foram importantes para o adestramento.

5.6 Quantidade de elementos de figuração inseridos no adestramento

Considerando as situações vivenciadas nas Operações da Intervenção Federal, foi unanimidade entre os entrevistados a necessidade de aumentar o efetivo de figuração de forma a trazer maior realidade ao adestramento. De acordo com as respostas apresentadas (podendo marcar mais de um dos itens, além de poder acrescentar outros), foi alvitado por 75% do público alvo que deveriam ser inseridos mais elementos de figuração (sem armamento) simulando população em geral.

Para 62,5% um aumento de elementos de figuração simulando crianças, mulheres e idosos auxiliaria no adestramento da tropa. Existem também, aqueles que consideraram a necessidade de incrementar o exercício com elementos de figuração (sem armamento) simulando APOP, na ordem de 45,8%. O último item apresentado aos entrevistados como opção foi a inserção de mais elementos de figuração (sem armamento) simulando feridos, na qual 33,3% selecionaram este item.

Além das opções disponíveis, um dos militares que responderam ao questionário levantou a ideia de inserir no adestramento elementos de figuração (sem armamento) simulando APOP, entretanto acrescentou que deveriam simular pessoas com conhecimento técnico, como advogados e/ou autoridades públicas mal intencionadas, por exemplo, tentando impedir ou dificultando abordagem da tropa à comunidade.

5.7 Tempo disponível para a execução das oficinas

Com relação ao tempo despendido para a realização das oficinas pelo CA-Leste, foi perguntado aos militares sobre a suficiência da disponibilidade de jornadas, obtendo como dados as seguintes porcentagens: 54,1% acreditam que em uma ou mais oficinas deveriam ser aumentadas a quantidade de jornadas de

execução, já para 41,7% o tempo de execução das oficinas foi o suficiente para atingir o adestramento necessário para o emprego da tropa nas Operações da Intervenção Federal. Por fim, para 4,2% dos entrevistados o tempo de execução da oficina de Tiro Real deveria ter seu tempo diminuído.

5.8 Treinamento anterior à execução com o CA-Leste

Foi perguntado no questionário a consideração sobre praticar as oficinas com emprego de DSET executadas durante o adestramento com Simulação Viva, em tempo anterior, a cargo da OM de origem e sem o emprego de DSET, de forma a melhorar o aproveitamento/ rendimento das atividades de adestramento com o CA-Leste. Aqueles que responderam positivamente à pergunta, foi solicitado a discriminação de qual(s) oficina(s).

Desta forma, foi colocado por 16,7% que nenhuma das duas oficinas (Patrulhamento Motorizado em área de risco e Pista de Combate em Localidade - PCL) teriam seu rendimento melhorado na fase de adestramento com o CA-Leste caso fossem realizadas em tempo anterior e sem a utilização de DSET. Entretanto, para 83,3% uma ou até mesmo as duas oficinas, caso fosse praticada antes da execução junto ao CA-Leste teria seu rendimento melhorado.

Como os interrogados poderiam marcar uma ou duas oficinas, o resultado para a maioria deles, de forma mais detalhada ficou da seguinte maneira: 79,2% propuseram a prática anterior da oficina de Patrulhamento Motorizado em área de risco e 66,7% propuseram a execução anterior da Pista de Combate em Localidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável dizer que ao longo do tempo o Exército Brasileiro evoluiu e, como ele, a Instrução Militar não foi diferente. Diversos foram os motivos que favoreceram o desenvolvimento da instrução, tais como a participação em missões de paz, as operações em comunidades, atividades de intercâmbios com Forças Terrestres de vários países, que conseqüentemente levaram e continuam levando a uma constante atualização doutrinária, principalmente pelas experiências de seus militares. Outro fator importante são os matérias de

emprego militar que acompanhando seu Exército vêm evoluindo, tornando-os cada vez mais eficazes, necessitando assim, que a instrução acompanhe esse progresso.

Todos esses fatores citados fizeram com que a Instrução Militar se aproximasse, cada vez mais, do realismo do emprego das tropas. Apesar disso, somente a partir do final do século XX que a instrução realmente alavancou, aproximando o máximo possível treinamento e realidade. E a responsabilidade por essa aproximação recai sobre a técnica de Simulação Viva.

A grande vantagem com o advento de tal técnica é o aumento da segurança nos treinamentos, uma vez que não há a necessidade de utilizar armamento e munição real, haverá um aumento diretamente proporcional à eficiência da tropa e a economia de recursos e; uma diminuição inversamente proporcional à perda de vidas, sejam estas em treinamento ou real emprego pela melhora na qualidade dos adestramentos.

Pôde ser observado que durante o século XXI as Forças Armadas foram largamente empregadas em Operações de Cooperação e Coordenação com Agências, dentre elas as Operações desencadeadas durante a Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro em 2018. Esse emprego trouxe inúmeros desafios para o Exército, haja vista não ter sido declarada uma guerra nem tão pouco do outro lado existe um exército constituído, de outra nacionalidade.

Na verdade, o emprego é no próprio território nacional e os “inimigos” são as facções que controlam as comunidades, portanto brasileiros, o que conduz uma consequência de extrema importância, a proporcionalidade do uso da força e o estrito cumprimento do dever legal devem ser levados à risca.

Destarte, este trabalho efetuou um estudo de caso sobre o adestramento com Simulação Viva das tropas empregadas durante a Intervenção Federal, realizada no Estado do Rio de Janeiro em 2018. Foi enviado um questionário a militares de carreira que exerceram função de Comandante de Pelotão, Subcomandante de Companhia e Comandante de Companhia na Intervenção Federal. Concomitante à bibliografia levantada acerca do tema e da observação desses militares, o resultado, de um modo geral, apresentou que o adestramento foi eficiente para o emprego da tropa com diversos pontos fortes. Entretanto, observou-se também que foram citadas oportunidades de melhoria para que a

tropa tenha um melhor aproveitamento no uso do DSET e, por consequência, adestre-se melhor.

Ao analisar as respostas dos militares ao questionário, verificou que em sua grande maioria consideraram importante o adestramento com o CA-Leste e, que este foi eficaz para o emprego na Intervenção; tendo apenas uma minoria afirmando haver a necessidade de ajustes. Desta forma, é evidenciado que o adestramento, de modo geral, atingiu os padrões mínimos esperados pelos comandantes das frações para o emprego nas operações da Intervenção.

Afim de corroborar com tais afirmações, vale ressaltar que a maioria dos interrogados levantaram a necessidade de aumentar o tempo despendido na execução das oficinas, principalmente Patrulhamento Motorizado em área de risco e PCL, haja vista a percepção na relação diretamente proporcional à quantidade de repetições na execução das oficinas e o desempenho das tropas empregadas no estado carioca, em 2018.

Contudo, é sabido que o adestramento está em constante evolução, o que vai sempre requerer um aprimoramento. Nesse sentido, foram levantados como oportunidade de melhoria, além do aumento do tempo de execução das atividades, o aumento de elementos de figuração entre APOP, população em geral, incluindo crianças, idosos e mulheres e pessoas feridas.

Tal informação foi levantada pelos interrogados tendo em vista as situações vivenciadas por suas frações, durante a Intervenção e em Operações anteriores, na qual esses atores supracitados estão cada vez mais presentes nesse tipo de operação dificultando as ações da tropa. Fica claro então, que foi dada especial atenção para a figuração inserida no contexto da simulação; modificações estas que tornariam o adestramento mais eficiente, pois ao serem empregados o leque de opções para a tomada de decisão seria maior.

O último quesito levantado no questionário foi sobre a preparação prévia da tropa para o adestramento com DSET no CA-Leste. A grande maioria considerou importante a realização das mesmas oficinas, ainda na OM de origem, a fim de melhorar o desempenho das frações nas oficinas de patrulhamento motorizado e PCL.

Comparando tal quesito à realização de uma avaliação formativa, o treinamento anterior seria a realização do estudo da matéria, focando nas táticas,

técnicas e procedimentos a serem realizados, podendo repetir quantas vezes forem necessárias. Já a execução com equipamento DSET, seria a realização da avaliação formativa, propriamente dita, pois os militares já estariam adaptados às atividades, necessitando apenas do ajuste fino da execução dos disparos, quando necessário.

Levando em conta os dados analisados na pesquisa realizada e o questionário respondido pelo público alvo, relacionando-os sobre a eficiência do treinamento com DSET com o emprego das tropas na Intervenção Federal, pode-se dizer que os objetivos propostos foram atingidos.

Desta forma, conclui-se que a utilização dos meios de Simulação Viva no adestramento das tropas empregadas no contexto da Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro, constituiu uma ferramenta eficaz para a melhoria do desempenho de todos os militares empregados, resultando assim, em um salto qualitativo de atuação das frações face às situações com as quais se depararam.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, L. A. Kohl de. **O emprego da Simulação no Exército Brasileiro:** Uso da avaliação do adestramento no âmbito das Forças de Emprego Estratégico. Trabalho de conclusão de curso (Altos Estudos) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2018.
- AVELINO, S. M. de Carvalho. **Simulação Viva:** O aprendizado das regras de engajamento pelas tropas da 11ª Bda Inf L empregadas no contexto da Intervenção Federal. Trabalho de conclusão de curso (Aperfeiçoamento) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Rio de Janeiro, 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 05 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional nº 20, de 15-12-1998. 21. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- _____. **Portaria Nº 209-EME, de 21 dez 05.** Aprova a Diretriz para o Aperfeiçoamento e Modernização do Sistema Integrado de Simulação de Combate no Exército. Brasília-DF: EME, 2005.
- _____. **MD35-G-01 - GLOSSÁRIO DAS FORÇAS ARMADAS.** 5ª. ed. [S.l.]: [s.n.], 2015.
- _____. **EB70-MC-10.223 - Operações.** 5ª. ed. [S.l.]: [s.n.], 2017.
- _____. Exército Brasileiro. **EB70-CI-11.405:** Caderno de Emprego de Simulação. Brasília, DF, 2015. 1ª Ed.
- _____. Exército Brasileiro. **PROGRAMA DE INSTRUÇÃO MILITAR 2020.** Brasília, DF, 2020.
- _____. Exército Brasileiro. **SISTEMA DE INSTRUÇÃO MILITAR DO EXÉRCITO BRASILEIRO 2012.** Brasília, DF, 2012.
- _____. Exército Brasileiro. **CADERNO DE INSTRUÇÃO DE AVALIAÇÃO DE ADESTRAMENTO.** Brasília, DF, 2006.
- _____. Exército Brasileiro. **C 20-1:** glossário de termos e expressões para uso no exército. 3. ed. Brasília, DF. 2003.
- CENTRO DE ADESTRAMENTO LESTE. **RELATÓRIO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO CA-LESTE NO ADESTRAMENTO DE TROPAS DO**

COMANDO CONJUNTO DURANTE A INTERVENÇÃO FEDERAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - 2018. Rio de Janeiro, RJ, 2019.

_____. Exército. Centro de Adestramento Leste (CA-Leste). **Histórico.** Rio de Janeiro-RJ, 2017. Disponível em: <<http://www.caleste.eb.mil.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

_____. Exército. Centro de Adestramento Leste (CA-Leste). **INFORMOCA:** Pilares da avaliação - DSET. Rio de Janeiro-RJ, 2017. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/005042683aa740ebb2f2d> />. Acesso em 03 mar. 2020.

_____. Exército. Centro de Adestramento Leste (CA-Leste). **INFORMOCA:** Pilares da avaliação - APA. Rio de Janeiro-RJ, 2017. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/0050426836c06a8e2f408>>. Acesso em 03 mar. 2020.

_____. Exército. Centro de Adestramento Leste (CA-Leste). **INFORMOCA:** Pilares da avaliação - FOROP. Rio de Janeiro-RJ, 2017. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/00504268377fb72dda9df>>. Acesso em 03 mar. 2020.

_____. Exército. Centro de Adestramento Leste (CA-Leste). **INFORMOCA:** Pilares da avaliação - OCA. Rio de Janeiro-RJ, 2017. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/005042683ed0b664b55b2>>. Acesso em 03 mar. 2020.

CAPITÃO do Exército é quinto militar morto em confronto no Rio de Janeiro. **TNH1**, 2018. Disponível em: <<https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/capitao-do-exercito-e-quinto-militar-morto-em-confronto-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em 24/04/20.

CINELLI, Carlos Frederico Gomes. Comunicando a Intervenção Federal: o paradoxo informacional da confiabilidade verde-oliva. **Defesanet**, 2018. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/29595/Comunicando-a-Intervencao-Federal--o-paradoxo-informacional-da-confiabilidade-verde-oliva/>>. Acesso em 24/04/20.

CORRÊA, Douglas. RJ – Duas mortes de militares. **Defesanet**, 2018.

Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/mout/noticia/30281/RJ---RJ-%E2%80%93-Duas-mortes-de-Militares/>>. Acesso em 24/04/20.

DOKTORCZYK, Sylvio Torres. **Emprego da simulação viva no Exército Brasileiro**. Ação de Choque, nº 13, Dez 2015.

FERRO, Maurício. Intervenção RIO – Inteligência das Forças Armadas pode ajudar no combate às milícias. **Defesanet**, 2018. Disponível em:

<<http://www.defesanet.com.br/ghbr/noticia/28946/Intervencao-RIO---Inteligencia-das-Forcas-Armadas-pode-ajudar-no-combate-as-milicias/>>. Acesso em 24/04/20.

HAVIGHURST, Lauren C. and others. **High Versus Low Fidelity Simulations: does the type of format affect candidates' performance or perceptions?**

McLean, VA, 2003. <http://annex.ipacweb.org/library/conf/03/havighurst.pdf>.

Acesso em 03 Mar 20.

HELMS II, Robert F.; FRANK, Geoffrey A.; and VOOR, Noir. **Determining the right mix of live, virtual, and constructive training**. Disponível em

<https://www.rti.org/sites/default/files/resources/live.pdf>. Orlando, FL, 2000.

Acesso em 03 Mar 20.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

INTERVENÇÃO Federal: Um modelo para não copiar. **Observatório da Intervenção**. Rio de Janeiro, 2019.

MAZZOCO, Heitor. Intervenção federal: os números da guerra civil no Rio de Janeiro. **O Tempo**, 2018. Disponível em:

<<https://www.otempo.com.br/brasil/intervencao-federal-os-numeros-da-guerra-civil-no-rio-de-janeiro-1.2085409>>. Acesso em 24/04/20.

NEVES, Maurício. Rio já tem o maior número de militares do exército mortos em intervenções. **R7**, 2018. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rio-ja-tem-o-maior-n-de-militares-do-exercito-mortos-em-intervencoes-28092018>>. Acesso em 24/04/20.

NO Rio autoridades fazem balanço da intervenção federal no estado. **Planalto**, 2018. Disponível em:

<<http://www2.planalto.gov.br/mandatomicheltemer/acompanhe-planalto/noticias/2018/8/no-rio-autoridades-fazem-balanco-da-intervencao-federal-no-estado>>. Acesso em 24/04/20.

OBSERVATÓRIO MILITAR DA PRAIA VERMELHA. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **A Intervenção Federal na Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

<http://ompv.eceme.eb.mil.br/masterpage_assunto.php?id=5>. Acesso em 24/04/20.

O MAL do preconceito em torno da Intervenção. **Defesanet**, 2018. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/mout/noticia/28584/O-mal-do-preconceito-em-torno-da-intervencao/>>. Acesso em 24/04/20.

PARSONS, Dan. **Soldiers test impact of virtual training on live-fire performance**. National Defense, Vol.97(709), p.34, Dez 2012.

PEIXOTO, Gustavo Martins. **O emprego do Centro de Avaliação de Adestramento do Exército – CAAdEx no Adestramento de Tropas do Exército Brasileiro**. Trabalho de conclusão de curso (Altos Estudos) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2017.

PEREIRA, Diego de Souza. **Simulação Viva como preparo para emprego real**: Estudo de caso da Operação São Francisco. Trabalho de conclusão de curso (Aperfeiçoamento) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Rio de Janeiro, 2018.

RIO II – Governo Federal assina decreto de Intervenção na Segurança Pública do Rio. **Defesanet**, 2018. Disponível em:

<<http://www.defesanet.com.br/mout/noticia/28459/RIO-II---Governo-Federal-assina-Decreto-de-Intervencao-na-Seguranca-Publica-do-Rio-/>>. Acesso em 24/04/20.

SASSINE, Vinicius. Ministro Luna e Silva – Prevê mais mortes na fase final da intervenção no Rio. **Defesanet**, 2018. Disponível em:

<<http://www.defesanet.com.br/ghbr/noticia/30315/Ministro-Luna-e-Silva---Preve-mais-mortes-na-fase-final-da-intervencao-no-Rio/>>. Acesso em 24/04/20.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. Petrópolis: Vozes 2007.

WRIGHT, Austin. **Troops learn from foreign role-players**. National Defense, Dec 2009, Vol.94 (673), p. 44.

72% DOS eleitores do Rio são a favor de continuidade da intervenção.

Datafolha, 2018. Disponível em:

<<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/10/1983583-72-dos-eleitores-do-rio-sao-a-favor-de-continuidade-da-intervencao.shtml>>. Acesso em 24/04/20.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

O presente instrumento é parte integrante do trabalho de especialização em Ciências Militares do Cap Inf Vinicius Bilheiro Dias Silva, cujo tema é “Utilização dos meios de Simulação Viva na preparação das tropas no contexto da Intervenção Federal no Estado do Rio de Janeiro em 2018”. Pretende-se, por meio da compilação de dados coletados, identificar pontos fortes e oportunidades de melhoria no adestramento realizado no Centro de Adestramento Leste (CA-Leste) (antigo CAAdEx) na preparação de tropas para o emprego na Intervenção Federal, no estado do Rio de Janeiro, em 2018.

O Senhor foi selecionado pois exerceu função de comando durante as Operações desencadeadas na Intervenção Federal e participou do adestramento anterior no CA-Leste utilizando o Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET). Dessa forma, sua opinião é de extrema importância para o direcionamento no uso da simulação viva na preparação de tropas em operações de mesma natureza.

De maneira geral, o adestramento no CA-Leste para a Intervenção Federal foi concebido da seguinte forma: 01 dia de execução em três oficinas (Patrulhamento motorizado em área de risco, Pista de Combate à Localidade (PCL), e tiro real, tudo nível Grupo de Combate).

Desde já, agradeço a colaboração e coloco-me à disposição para esclarecimentos por meio do seguinte contato: Vinicius Bilheiro Dias Silva (Capitão de Infantaria – AMAN 2011) e-mail: v.bilheiro@gmail.com.

1. Nome de guerra:

2. Posto atual:

- a) Major
- b) Capitão
- c) 1º Tenente

3. Função que exerceu durante a Intervenção Federal:

- a) Cmt Cia

b) SCmt Cia

c) Cmt Pel

4. Quais atividades de adestramento o Sr participou junto ao CA-LESTE (antigo CAAdEx), utilizando os dispositivos de simulação de engajamento tático (DSET), antes de ser empregado na Intervenção Federal? (ambos podem ser marcados)

a) Oficina de patrulhamento motorizado

b) Oficina de pista de combate em localidade

c) Nenhuma

5. Em uma escala de 1 a 5, sendo 1 o índice de menor relevância e 5 o de maior relevância, como classificaria, de maneira geral, a atividade que participou junto ao CA-LESTE no adestramento específico de sua fração para o emprego na Intervenção Federal?

a) 1

b) 2

c) 3

d) 4

e) 5

6. Sobre a eficiência do adestramento realizado com o DSET no CA-LESTE, em relação às situações vividas nas Operações da Intervenção Federal, como o Sr classificaria?

a) Adestramento eficiente

b) Adestramento não eficiente, necessita de ajustes

7. O Sr considera que alguma(s) das atividades ou exercícios realizados NÃO foram importantes no adestramento da sua fração, considerando as situações vivenciadas durante a Intervenção Federal no estado do Rio de Janeiro? (Pode ser marcado mais de um item)

a) Patrulhamento motorizado em área de risco

b) PCL

- c) Tiro real
- d) Nenhuma opção

8. Considerando as situações vivenciadas nas Operações da Intervenção Federal, com APOP, população de maneira geral ou qualquer situação de crise, o Sr gostaria de propor alguma(s) atividade(s), exercício(s) ou prática(s) a ser(em) utilizado(s) com os equipamentos DSET, de forma a aproximar a simulação da realidade e assim preparar melhor a tropa? (Pode ser marcado mais de um item)

- a) Inserir mais elementos de figuração (sem armamento) simulando APOP
 - b) Inserir mais elementos de figuração (sem armamento) simulando população em geral
 - c) Inserir mais elementos de figuração simulando crianças, mulheres e idosos
 - d) Inserir mais elementos de figuração (sem armamento) simulando feridos
 - e) Outros:
-
-

9. O Sr gostaria de propor alguma atividade, exercício ou prática a ser utilizada/melhorada pelo CA-LESTE durante o adestramento de tropas para Operações de mesma natureza?

- a) Aumentar o tempo de execução da oficina de Patrulhamento motorizado em área de risco
- b) Diminuir o tempo de execução da oficina de Patrulhamento motorizado em área de risco
- c) Aumentar o tempo de execução da oficina de PCL
- d) Diminuir o tempo de execução da oficina de PCL
- e) Aumentar o tempo de execução da oficina de Tiro real
- f) Diminuir o tempo de execução da oficina de Tiro real
- g) O tempo de execução de todas as oficinas foi o suficiente para o adestramento

10. Caso o Sr tenha assinalado uma ou mais opções para aumentar e/ou diminuir o tempo de execução da(s) oficina(s) na pergunta anterior, quantas jornadas devem ser aumentadas e/ou diminuídas em cada uma delas? (Informar a quantidade de jornada(s) para cada uma das oficinas assinaladas na questão anterior)

11. O Sr considera que alguma atividade ou treinamento pode ser executado pela tropa antes do exercício de adestramento do CA-LESTE, sem o DSET e a cargo da OM de origem, de forma a aproveitar melhor essa atividade? Quais?

- a) Oficina de Patrulhamento motorizado em área de risco
- b) Oficina de PCL
- c) Nenhuma das opções

12. O Sr gostaria de acrescentar alguma sugestão, crítica ou informação para contribuir com o uso da Simulação Viva no adestramento de tropas para Operações com características semelhantes às Operações desencadeadas durante a Intervenção Federal no estado do Rio de Janeiro?
